

A articulação educação-saúde-ser humano nos materiais produzidos pelo Ministério da Saúde na compreensão de docentes da área de Saúde Coletiva¹.

Introdução

Esse texto apresenta resultados de uma investigação denominada “Estudos culturais e materiais produzidos pelo Ministério da Saúde para a área de Saúde Coletiva: construindo interlocuções”. Nele, voltamos nosso olhar ao uso dos materiais bibliográficos do Ministério da Saúde (MS) utilizados no ensino da Saúde Coletiva por docentes com graduação em Enfermagem.

De acordo com Dimenstein e Santos (2005, p.94), o perfil de um profissional de saúde adequado aos pressupostos do SUS começa a ser formado na universidade. Para estes autores “*deve-se oferecer uma formação que recupere a visão de complexidade, que recupere os princípios da integralidade e da intersectorialidade, de forma a desconstruir a cultura clínica dominante que impede a concretização do trabalho em equipe*”.

O objetivo desse estudo foi identificar as concepções de educação, saúde e ser humano que os docentes percebem nessas publicações do MS e como essas produções oficiais são articuladas com os marcos teórico-conceituais da Saúde Coletiva brasileira na prática pedagógica destes profissionais.

Método

Este estudo qualitativo e exploratório utilizou como fontes de dados entrevistas semi-estruturadas, tendo como sujeitos da pesquisa docentes dos cursos de Enfermagem sendo 4 professores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e 6 da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Dourados, no período de 2006 a 2007. O grupo de docentes foi constituído de 09 mulheres e 01 homem, 6 são provenientes da UEMS e 4 da UNICAMP. A idade deles variou de 27 a 50 anos, sendo que o tempo de formação inicial em Enfermagem variou de 5 a 29 anos. Em relação à titulação acadêmica, todos possuíam algum tipo de especialização, 7 tinham mestrado e 4 eram doutores sendo que um deles já havia realizado Pós-Doutoramento e Livre-Docência

Na UNICAMP, foram incluídos docentes responsáveis pelas disciplinas que abordavam a temática *Enfermagem em Saúde Coletiva*, sendo esse tema ministrado em três disciplinas no primeiro, segundo e quarto semestres da estrutura curricular do curso. Em relação à UEMS, participaram da pesquisa os docentes responsáveis pelo ensino da Saúde Coletiva, que integrava a Unidade temática *Cuidando de Famílias e Coletividades*, no segundo ano do currículo integrado da Enfermagem.

¹ Projeto financiado pelo CNPQ (Processo 408946/2006-7).

Para fundamentar as nossas análises nos apoiaremos nos Estudos Culturais que têm compromisso com o estudo de todo o espectro das artes, das crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade (Williams, 2000)

Acreditamos que os EC podem contribuir para os nossos estudos trazendo outros contrapontos para o predomínio do modelo biomédico, abrindo-se a outras referências do saber, entendendo que os seres humanos - sujeitos desta prática, que prestam e recebem cuidados – são seres multirreferenciais, históricos, sociais, políticos e culturais (Bagnato *et al*, 2009).

Resultados

Na compreensão dos docentes, a articulação entre *saúde, educação e ser humano* nos materiais elaborados pelo MS se apresenta em construção fragilizada. A saúde é mencionada acentuando a “*dimensão biológica*”, sendo que bibliografias mais recentes tendem a ampliar o conceito, estabelecido na Constituição de 1988 que considera o ser humano na sua totalidade: alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviço de saúde (Brasil, 1988).

Alguns docentes expõem a sua preocupação quanto ao olhar patológico que ainda perfaz esses artefatos e declara que o processo de formação dos profissionais de saúde focaliza intervenções sobre a doença, sobre o ser humano não saudável.

“[...] é evidente no discurso que a priorização das ações em cima da recuperação da doença é inegável, e aí e também na modalidade de financiamento ao mesmo tempo que ela critica ela também sustenta uma política de financiamento, então eu não acho que isto seja incoerência no fim é o discurso hegemônico [...] porque nós somos formados no máximo para diagnosticar e tratar doença e aí tem outros desafios também, talvez, a doença seja mais objetivável do que a saúde” (Docente UNICAMP).

O discurso acerca da educação não remete a uma trajetória emancipatória, e se reforça no modelo preventivo de doenças que pretende “capacitar”, “treinar”, “atualizar pessoas”. Sendo assim, a concepção de educação presente nos materiais, na visão dos docentes, destaca aspectos teórico-metodológicos, técnicos, epistemológicos e políticos. Alguns mencionam que é uma educação que propicia atividades mais dirigidas, como instrumento de informação, uma educação bancária (Freire, 2001).

“[...] Nos formamos profissionais voltados para doença ainda por mais que ele tenha outros discursos e ele está voltado para aquela coisa bancária. Todo consultório tem uma mesa entre o profissional e o paciente”.. (Docente UEMS).

“[...] educação eu acho que ainda oscila, nem sempre é uma educação participativa emancipatória, muitas vezes, ainda você vê claramente uma coisa meio negligente em relação à educação quando não faz a importância de ouvir, eu

acho que alguns manuais ainda se perdem um pouquinho, então o profissional, muitas vezes, ainda é visto como aquele sabe-tudo” (Docente UNICAMP).

A concepção de *ser humano* é entendida como superficial quando não problematiza em profundidade, intervindo na práxis, discutindo questões mais culturais, sociológicas e antropológicas do sujeito que vem adoecendo. Nessa compreensão, a fragmentação se contrapõe à proposta de olhar o ser humano como um todo, um sujeito singular, que estabelece relações sociais, o sujeito cidadão, ator político, ativo.

É possível perceber que os discursos sobre ser humano e saúde ao circularem de um espaço de recontextualização oficial para o campo pedagógico sofrem um processo de hibridização com algumas permanências, rupturas e a possibilidade de surgir o novo.

“Eu acho que os manuais ainda são muito viciados na coisa da doença, no ser humano como um corpo biológico mesmo, que não deve ficar doente,, avança um pouquinho mais para tentar ver outras causas, além de fatores, coisas biológicas mesmo. [...] Pergunta onde mora como mora, mas não avança nas questões sociais, emocionais, psicológicas, e mesmo espirituais que todo o ser humano enfrenta no seu dia-a-dia, acho que ele ainda é muito limitado. Para mim ele traz uma concepção baseada ainda nesta biomedicina mesmo, ele é focado nisto, ele não avança, mas ele é um começo...” (Docente UNICAMP).

Adotamos um olhar interdisciplinar para o sujeito, envolvendo aspectos objetivos e subjetivos. Sujeito histórico marcado por variáveis sócio-econômicas como renda, escolaridade, gênero, faixa etária, religião, tipo de ocupação etc. Sujeito cultural, social, ativo e capaz de suas próprias escolhas. Sujeito que produz sentidos, significados, que resiste, que apresenta contradições, que age e reage, que possui idiossincrasias, que recria na vida cotidiana, visto como agente, como ser de intencionalidade, que atua no mundo como sujeito de diferentes experiências, que interpreta, seleciona, se apropria, enfim, faz uma outra produção a partir de seu lugar (Hall, 1997).

Conclusão

Portanto, os docentes utilizam os materiais do MS atuando como decodificadores de discursos quando fazem a articulação desses com marcos teóricos da Saúde Coletiva, traçando outras possibilidades, incluindo a busca de outras relações com a comunidade.

Esse estudo corrobora um entendimento mais profundo sobre o campo da formação em saúde, ao apontar a fragilidade das publicações do MS que ainda não entram em consonância com as políticas de atenção básica voltadas para a promoção da saúde, para a humanização no cuidado e para uma educação crítica e libertadora.

Referências

BAGNATO MHS, MISSIO L, RENOVATO RD, BASSINELLO GAH. Práticas educativas em saúde: da fundamentação à construção de uma disciplina curricular. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, jul-set; 13 (3): 651-56, 2009

BRASIL. 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Presidência da República. Casa Civil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

DIMENSTEIN, M e SANTOS, FY. Compromisso com o SUS entre as profissões de saúde na rede básica de Natal. In: Organizadora Borges, L.O. *Os profissionais de saúde e seu trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.p. 91-108.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HALL, S. *Educação e Realidade*, v.22, n.2, jul./dez, pg. 40-41, 1997.

WILLIAMS, R. *Cultura*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.. 2000.